

A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ESTUDO DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Cláudia Regina Bicas Bondezam ¹

RESUMO

O presente trabalho consiste demonstrar um relato de experiência referente à abordagem metodológica de uma sequência didática como intervenção em uma turma de Formação de Docentes, na disciplina de Língua Portuguesa, refletindo sobre a leitura e escrita, e a capacidade da criança construir seus conhecimentos, através do processo da psicogênese da língua escrita. O objetivo da proposta foi explicitar, a partir do referencial de Ferreiro e Teberosky, como os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental aprendem a ler e escrever, com aproximações à realidade e vivências das alunas em formação docente, que foi realizado em 6 momentos, apoiado na sequência didática de Antonio Zabala, abordando as hipóteses silábicas. Desta forma, o artigo retrata o ponto de vista dos educadores, quanto ao processo de alfabetização, em qual pensamento eles se apoiam para realizar suas práticas pedagógicas e se os educadores proporcionam situações de ensino e aprendizagem, seja de leitura e escrita, que possibilite ao aluno, edificar seu próprio conhecimento. E por meio de um questionário dirigido aos alunos, confirmaram-se as afirmações de seus respectivos professores. Perante tudo que foi exposto, foi possível constatar, através da comparação dos questionários, que todos os educadores aplicam alguns métodos contidos na Psicogênese da língua escrita de Ferreiro e Teberosky. Percebe-se, a significância em se adotar métodos para a prática pedagógica, como também a primordialidade dos professores buscarem mais conhecimento nos pensamentos de Ferreiro e Teberosky, com relação a visão do aluno como ativo em seu processo de aprendizagem sobre a alfabetização.

Palavras-chave: Sequência Didática; Formação Docente, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Muitos estudiosos vêm se dedicando a inúmeras pesquisas e debates sobre temas diversos a respeito da educação básica, como objetos de pesquisa a alfabetização e o letramento, buscando identificar fatores que possam explicar tamanho fracasso escolar ao nos depararmos com altos índices de analfabetismo no Brasil. Ao deparar-me com essas inúmeras dificuldades enfrentadas pela criança para compreender o sistema de escrita alfabética e os desafios do

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. claudiabicas44@gmail.com.

professor de como ensiná-la, busquei maior compreensão teórica a respeito do tema, com reflexão e atuação na prática docente, no conhecimento teórico, na compreensão de como a criança de fato se apropria da leitura e escrita, e na contribuição para a qualidade de ensino da rede pública.

Desta maneira, é justificável a importância deste artigo, pois busca destacar a relevância da alfabetização na atual realidade, onde temos hoje um mundo letrado, considerando também que existem alunos que não dominam o processo da leitura e da escrita, sendo assim, o artigo prioriza não apenas o resultado do processo de alfabetização, mas sim o caminho percorrido pela criança até se alcançar a alfabetização.

A problemática encontrada para se iniciar este artigo se apoiou nos alunos que se encontram nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o intuito de se descobrir se eles têm tido possibilidades para demonstrarem suas hipóteses, em relação ao processo de leitura e escrita, considerando os diversos métodos adotados pelos professores que ministram aulas nas series iniciais do Ensino Fundamental. E apontando também à abordagem metodológica de uma sequência didática como intervenção em uma turma de Formação de Docentes, na disciplina de Língua Portuguesa, refletindo sobre a leitura e escrita.

Desta forma, em se tratando da importância que a alfabetização tem perante a sociedade, o objetivo do artigo é verificar se o educador proporciona ao aluno situações de ensino e aprendizagem de alfabetização, que sejam apropriados com o intuito de que seja construído seu próprio conhecimento ; retratar os métodos de alfabetização existentes; refletir sobre a teoria da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e verificar como ocorre o processo de alfabetização em sala de aula.

Neste viés, procurou-se demonstrar as contribuições das pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, as quais não se tratam de um método de alfabetização, e sim de uma teoria da psicogênese da língua escrita, a qual defendia ser necessário conhecer os processos cognitivos fundamentais para o aprendiz apropriar-se da leitura e escrita.

METODOLOGIA

O presente trabalho será realizado de forma qualitativa, Godoy (1995, p. 2) retrata que “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

Serão levadas em consideração as pesquisas de campo através das obras literárias pelos autores que abordam sobre o assunto através de comprovações documentais.

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. (GODOY, 1995, p.2).

A metodologia abordada se fundamentou em pesquisas bibliográficas pertinentes ao assunto referido, sendo assim os dados coletados foram verificados, por meio da análise qualitativa, para que se alcançasse o entendimento das informações adquiridas. É notável a imprescindibilidade de a escola assumir o papel de transmitir o ensino do processo de representação da língua escrita, porém para exercitar esta responsabilidade, a escola abriu mão de métodos que possuíam fórmulas prontas para o ensino da alfabetização, desconsiderando a parcialidade de cada aluno.

Sendo assim, a Psicogênese da Língua Escrita se contradiz a estes pensamentos empiristas, a psicogênese da língua escrita traz contribuições para a alfabetização, manifesta a ideia de uma nova ótica pedagógica, fundamentada nas pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, publicadas no livro Psicogênese da Língua Escrita, onde se é priorizado pela primeira vez, a opinião do sujeito que aprende, ressaltando que o aluno trás, por meio de suas vivências, diversas informações acerca do mundo letrado que o rodeia, conseguindo assim operar seu próprio raciocínio.

Desta forma, o intuito foi buscar referenciais que orienta a prática pedagógica dos educandos nas escolas e do trabalho desenvolvido com uma turma do segundo ano de formação de docentes, baseando-se na didática de Antônio Zabala com os alunos dos primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental. Este trabalho visa auxiliar no processo de alfabetização, de forma a possibilitar aos docentes um aprimoramento de seus conhecimentos teóricos, para que os mesmos possam adquirir uma prática pedagógica, em que não se desvalorize o aluno e que seja mais eficaz.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os métodos tradicionais de alfabetização dividiram-se por períodos. O primeiro teve início na Antiguidade e se estendeu até a Idade Média. Durante esse tempo, o único método existente foi o da soletração. O segundo ocorreu durante os séculos XVI e XVIII e se estendeu até a década de 1960, sendo marcado pela rejeição ao método da soletração e pela criação de novos métodos sintéticos e analíticos², nessa época, foram criadas as cartilhas, amplamente utilizadas. Segundo tal perspectiva, o sujeito é uma tábua rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicação entre as letras e os sons) que através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização (das tais relações entre a letra e o som) passariam a ser suas.

A aprendizagem é vista como um processo de simples acumulação das informações recebidas do exterior, sem que o sujeito precisasse reconstruir esquemas ou modos de pensar para poder compreender os conteúdos – sobre os sons e as letras – no que era transmitido. E o objeto do conhecimento? Independentemente de serem métodos sintéticos ou analíticos, todos os métodos tradicionais de alfabetização enxergam a escrita como um mero código de transcrição da língua oral: uma lista de símbolos (letras) que substituem fonemas que já existiriam na mente da criança ainda não alfabetizada (MORAIS, 2012).

Os métodos de alfabetização (fonético ou sintético, global ou analítico e eclético) determinaram por uma longa data o ensino da lecto-escrita no país. Os alfabetizadores utilizaram em sua ação didática uma diversidade de métodos, na tentativa de resolver o problema do fracasso escolar instalado nas escolas. A partir da década de 80 iniciou-se o terceiro período no Brasil, a alfabetização foi marcada por uma mudança de paradigma inspiradas nos estudos de Piaget sobre a psicologia e na epistemologia genética, Emília Ferreiro e Teberosky pesquisaram sobre a alfabetização, tomando como foco central a compreensão de como os alunos aprendem a ler e escrever, em outras palavras, como as crianças pensam e organizam seus conceitos a respeito da escrita (BRASIL, 2001).

Segundo Ferreiro (1985), os métodos contribuíram significativamente para a compreensão do processo de aprendizagem, demonstrando a existência de mecanismos no sujeito que aprende a alfabetização em todas as suas formas evolutivas, valorizando a

² São métodos rápidos e antigos de alfabetização, é uma correspondência entre o som e a grafia, a oral e a escrita. Desta forma, primeiramente se aprende as vogais, depois as sílabas até se chegar às palavras e frases e em seguida construir textos. É um ensino fundamentado na ortografia perfeita, baseada nas regras gramaticais, confundindo a aprendizagem do aluno, deixando os textos escritos ortograficamente corretos, entretanto sem sentido.

participação das crianças no processo ensino-aprendizagem e apropriando-se das atividades infantis como forma de ensino, pois:

Fundamentalmente a aprendizagem é considerada, pela visão tradicional, como técnica. A criança aprende a técnica da cópia, do decifrado. Aprende a sonorizar um texto e a copiar formas. A minha contribuição foi encontrar uma explicação, segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. Essa criança não pode se reduzir a um par de olhos, de ouvidos e a uma mão que pega o lápis. Ela pensa também a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidos. (FERREIRO, 1985, p. 14).

Assim, os estudos revolucionaram a forma de conceber e trabalhar a alfabetização. Diante do exposto, este trabalho consiste em um relato de experiência referente à sequência didática que foi implementada numa turma de Formação de Docentes na disciplina de Língua Portuguesa, cujo objetivo foi desenvolver o conteúdo específico de Leitura e Escrita (Alfabetização) apoiado aos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Psicogênese da Língua Escrita para que os alunos pudessem conhecer e ampliar o seu conhecimento sobre como ocorre o processo da leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

O trabalho desenvolvido com a turma do segundo ano de formação de docentes está apoiado na sequência didática de Antônio Zabala, proposta no livro “A prática Educativa: como ensinar”, que tem como objetivo colaborar com os docentes, independentemente do nível em que trabalhem, diagnosticar o contexto de trabalho, tomar decisões, atuar e avaliar a pertinência das atuações, a fim de reconduzi-las no sentido adequado.

Esta proposta educacional abrangerá os conteúdos conceituais que visam desenvolver as competências do educando nas suas relações com símbolos, expressões, imagens, dentre outros, onde o mesmo aprende e ressignifica o real; procedimentais que é onde o conteúdo abrange todo o processo de ensino e aprendizagem e atitudinais que se faz presente no cotidiano escolar, e englobam valores, normas, posturas, atitudes que de certa forma interferem na interação dentro do campo escolar, no qual os alunos controlam o ritmo da sequência, atuando constantemente e utilizando uma série de técnicas e habilidades: diálogo, debate, trabalho em

grupos e de sociabilidade o que implica que devem ir aprendendo a “ser” de uma determinada maneira: tolerantes, cooperativos e respeitosos. As atividades desenvolvidas na sequência didática contemplam os seguintes pontos, divididos em 6 momentos:

1º Momento: Problematização: Indagações a respeito do tema alfabetização. A problematização foi realizada em duas aulas geminadas de 50 minutos, os questionamentos foram sobre como ocorreu o processo de alfabetização na vida escolar dos alunos, todos os alunos participaram. Na aula seguinte foi realizado o depoimento de uma professora alfabetizadora que se alfabetizou nos anos 60, para fazer a análise e comparação das situações, essa troca foi muito produtiva, pois contribuiu para que os alunos observassem a evolução dos métodos de alfabetização;

2º Momento: Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos e socialização das ideias através de questões problematizadoras sobre a alfabetização.

3º Momento: Proposta das fontes de informações. Os alunos foram levados ao Laboratório de informática e em duplas pesquisaram sobre as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky para a alfabetização no Brasil. Foi apresentado a eles o acervo bibliográfico da biblioteca da escola sobre a alfabetização, ressaltando o livro *Psicogênese da Língua Escrita*;

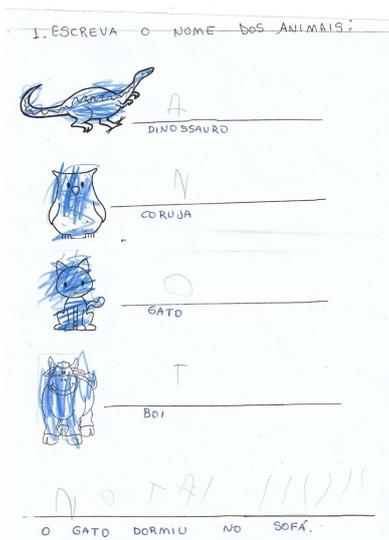
4º Momento: Explanação dos conceitos. Os alunos iniciaram as suas manifestações de forma bem sucinta, porém foram incentivados e provocados a debatem os conceitos pesquisados, ocorreram vários questionamentos pertinentes ao assunto, sempre com a intervenção do professor, mas a socialização e a participação dos mesmos foram bem maiores que na aula anteriores;

5º Momento: Experimentação numa perspectiva problematizadora. Este momento foi muito significativo para os alunos estabelecerem relação entre o tema abordado, não apenas através dos conceitos, mas também com atividades que favoreçam a conexão com as informações apresentadas. Foram apresentados aos alunos várias atividades de escrita espontânea, realizadas com os alunos da Rede Municipal de Ensino, com idade entre 5 e 6 anos, para os alunos verificarem os níveis de escrita.

O nível 1 e nível 2, também conhecidos como hipótese pré-silábica, são determinados por algumas características, dentre elas: quando a criança pensa que a escrita representa o objeto que se refere, quando escreve uma letra para cada palavra ou ainda quando escreve sem controle de quantidade, quando só considera sua escrita terminada ao alcançar o limite do papel e ainda não faz relação entre fala e a escrita, ou seja, “[...] a criança não compreendeu a relação entre o registro gráfico e o aspecto sonoro da fala” (AZENHA, 1995, p. 62).

No nível 1 ou escrita indiferenciada, a criança produz garatujas e pode fazer grafismos separados imitando a letra imprensa ou linhas curvas imitando letra cursiva, ou seja, “escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma”. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 193).

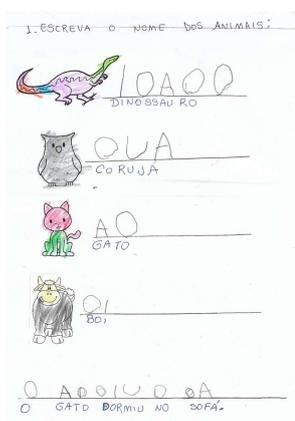
Figura 1 – Nível 1: Hipótese pré-silábica.



(Fonte: BONDEZAM, Cláudia. 2019)

No nível 2 ou diferenciação da escrita – a criança acredita que “[...] para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas”. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 202). Neste nível a criança já faz tentativas de diferenciar um grafismo do outro, cuja forma é mais parecida com as letras, exige um número mínimo de letras (entre duas a quatro) e variedade de caracteres (Figura 2).

Figura 2 – Nível 2: Hipótese pré-silábica.



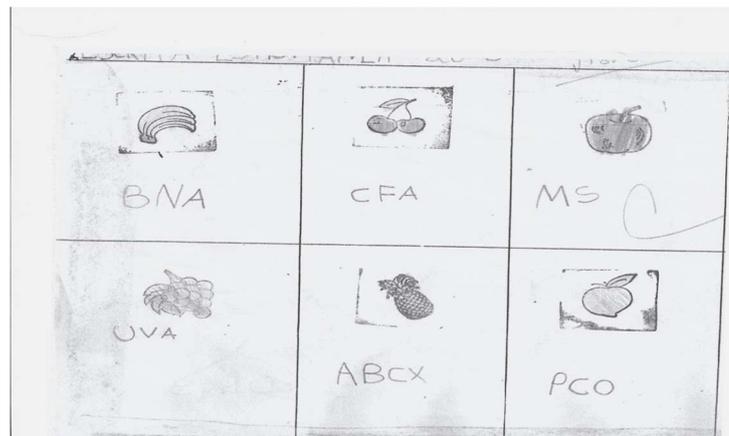
(Fonte: BONDEZAM, Cláudia. 2019)

Hipótese Silábica: O nível 3 – hipótese silábica – tem como característica determinante a relação que a criança começa a estabelecer entre o contexto sonoro da linguagem e o contexto gráfico. Parafraseando Azenha (1995), isto representa o divisor das águas no processo evolutivo. Isto é, a criança quando avança para este nível dá um salto qualitativo em relação aos níveis anteriores (Figura 3). Ferreiro e Teberosky (1999, p. 229) esclarecem que a mudança qualitativa consiste em que:

a) se supera a etapa de uma correspondência global entre forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorte silábico do nome).

b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

Figura 3 – Nível 3: Hipótese Silábica



(Fonte: BONDEZAM, Cláudia. 2019)

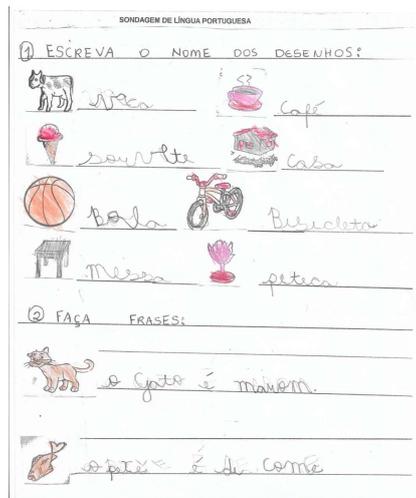
Hipótese Silábica alfabética: O nível 4 – passagem da hipótese silábica para alfabética ou hipótese silábica alfabética – é o caminho a ser transitado entre a hipótese silábica e a alfabética, pois ora a criança escreve uma letra para a sílaba e ora escreve a sílaba completa (Figura 4). Como afirma:

[...] a criança ‘abandona’ a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá ‘mais além’ da sílaba pelo conflito entre a hipótese e a exigência de quantidade mínima de letras (ambas as exigências

puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre a exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito)

FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p. 214.

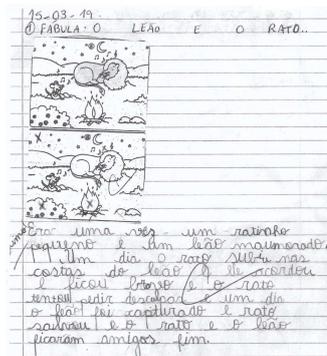
Figura 4 – Nível 4: Hipótese Silábico Alfabética



(Fonte: BONDEZAM, Cláudia. 2019)

Escrita alfabética: No nível 5 – escrita alfabética – a criança já venceu praticamente todos os obstáculos conceituais para a compreensão do sistema alfabético de escrita (Figura 6). Porém como adverte Ferreiro e Teberosky (1999), isto não significa que a criança já tenha vencido todos os problemas, pois muitas vezes encontrará dificuldades na ortografia, o que deve ser trabalhado durante toda vida escolar.

Figura 5 – Nível 5: Escrita alfabética



(Fonte: BONDEZAM, Cláudia. 2019)

6º Momento: Avaliação da aprendizagem (Revisão dos conceitos). Após a finalização do estudo das atividades realizadas pelos alunos, houve um momento de reflexão e aprofundamento sobre o conteúdo estudado, foi discutido sobre cada nível em que as crianças se encontravam e as hipóteses que levantavam para escrever.

Em seguida, os alunos foram divididos em grupos para analisarem diversas escritas espontâneas e diagnosticarem em qual nível de alfabetização os alunos se encontravam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se a eficácia desta proposta, tendo em vista que os alunos corresponderam a todas as atividades de forma positiva, compreendendo que de acordo com a teoria construtivista, toda criança passa por quatro fases até que seja alfabetizada: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, que a criança, desde cedo, levanta hipóteses sobre a leitura e a escrita, que necessitam ser conhecidas pelo professor e exploradas em seus vários níveis, para uma maior eficiência no processo ensino-aprendizagem. A passagem de um nível a outro, no processo de alfabetização, origina-se da tomada de consciência pelo aluno da insuficiência das hipóteses até então por ele formuladas para explicar a leitura e a escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um processo pelo qual o indivíduo passa a envolver-se nas práticas sociais da leitura, da escrita e do domínio da língua materna. Aprender a ler e a escrever amplia os horizontes do conhecimento e da visão psicológica, transformando o indivíduo a outro estado ou condição sob os vários aspectos social, cultural, cognitivo e linguístico, além de outros.

Ferreiro (2003) esclarece que o conceito de alfabetização altera de acordo com as épocas, as culturas, a vinda das tecnologias e demais inovações, tornando-se por isso, indispensável que o professor esteja aberto às mudanças que acontecem em seu tempo. O acompanhamento das mudanças exige dos alfabetizadores novas formas de tornar dinâmico e prazeroso o processo de alfabetização.

Diante do exposto, este artigo mostrou uma sequência didática sobre os níveis de alfabetização nas séries iniciais, aplicada numa turma de Formação Docente, que teve como objetivo levar os alunos a compreenderem como ocorre a alfabetização.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, H.S.; COSTA, S.M. **Um olhar reflexivo sobre o histórico dos métodos de alfabetização.** UFSM/RS, 2007.

AZENHA, M. G. **Construtivismo:** de Piaget a Emilia Ferreiro. 4ª edição, São Paulo: Ática, 1995.

BOCK, a. m. et al. **Psicologias:**uma introdução ao estudo da psicologia. são Paulo: saraiva, 2001.

BRASIL. Ministério de Educação. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA).** Brasília/DF, 2001.

CESCA, Maria Inêz Salvador. **Visão histórica do ensino – Aprendizagem da Lecto escrita.** Disponível em: <<http://members.tripod.com/pedagogia/lectoescrita.htm>> Acessado em: 10 de Jun de 2019.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização.** Cadernos de Pesquisa, v. 52, 1985.

Reflexões sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia da alfabetização:** da oralidade a escrita. São Paulo: Cortez, 1988.

MORAIS, Arthur G. **Sistema de Escrita Alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização.** São Paulo: UNESP, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil**: o caminho da construção. São Paulo: Scipione, 2009.

ZABALA, Antoni . **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre, Artmed, 1998.